



# Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## A PROPÓSITO DA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA DITADURA DO PROLETARIADO

Tradução de um artigo do «Diário do Povo» de Pequim,  
publicado em «France Nouvelle» em 14-4-1956.

O XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética reuniu os elementos da nova experiência que foi obtida quer no terreno das relações internacionais quer no da edificação na União Soviética. O XX.º Congresso adoptou toda uma série de decisões importantes, nomeadamente a firme adesão à política leninista de possibilidade de coexistência pacífica entre os países de sistemas sociais diferentes, o desenvolvimento do sistema de democracia soviética, a completa observação do princípio de direcção colectiva no Partido, a crítica às insuficiências no interior do Partido e a adopção do 6.º Plano Quinquenal para o desenvolvimento da economia nacional.

A questão da luta contra o culto da personalidade ocupou um lugar importante no XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. O Congresso expôs de forma muito clara a longa existência deste culto que foi a causa de erros no trabalho e de más consequências na vida soviética. Esta corajosa auto-crítica do Partido Comunista da União Soviética em relação aos seus erros passados testemunha os princípios elevados da vida interna do Partido e a grande vitalidade do marxismo-leninismo.

Nenhum Partido ou bloco político governante ao serviço das classes exploradoras, ousou jamais, no decurso da história, nem ousa actualmente, nos Estados capitalistas contemporâneos, expor conscientemente os seus erros graves perante a massa dos seus próprios membros e perante o povo. «O Partido político da classe operária age de maneira diferente». O Partido político da classe operária está ao serviço das largas massas populares. Um tal Partido não perde nada com a auto-crítica e não ser os seus erros. Em contrapartida, ela conquista-lhe o apoio das largas massas do povo.

Desde há mais de um mês, os reacçãoários de todo o mundo começaram a grasnar alegremente a propósito da auto-crítica do Partido soviético sobre o culto do indivíduo. Eles dizem: «Ora vejamos! O Partido Comunista da União Soviética, o primeiro que estabeleceu um estado socialista, cometeu erros sérios e o que é mais, foi J.V. Stáline, um dirigente grandemente celebrado e respeitado, que os cometeu».

Os reacçãoários pensam que estão de posse de uma coisa que pode descreditar o Partido Comunista na União Soviética e nos outros países. Mas os seus esforços acabaram por revelar-se vãos. Qual foi o marxista de importância que tenha dito nas suas obras que nunca cometeríamos erros ou que qualquer marxista, individualmente, nunca os cometeria? Precisamente por-

que nós, marxistas-leninistas, temos sempre negado que possa existir um «trabalhador milagroso» incapaz de cometer erros maiores ou menores, precisamente por isso nós comunistas, utilizamos a crítica e a auto-crítica na vida interna do nosso Partido. Seria compreensível que o primeiro Estado socialista da História tenha praticado a ditadura do proletariado sem cometer erros desta ou daquela espécie?

Lénine escrevia em Outubro de 1921:

«Que os cães e os porcos da burguesia agonizante e da democracia pequeno-burguesa que se arrastam atrás dela nos cubram de maldições, de injúrias, de zombarias, pelas faltas e pelos insucessos na construção do NOSSO regime soviético. Nós não esquecemos nem por um momento que temos cometido e cometeremos ainda um grande número de erros e que sofreremos muitos insucessos. Qual é o meio de não os cometer numa obra tão nova na história do mundo como é a criação de um TIPO sem precedentes de organização do Estado? Nós lutamos sem desfalecimentos para corrigir os nossos insucessos e os nossos erros, para melhorar a aplicação que fazemos dos princípios soviéticos à vida e que está longe de ser perfeita». (V.I. Lénine, Obras, tomo 33, pág. 32).

Também não podemos acreditar que um homem que cometeu certos erros de início não voltará a cometer outros e não repetirá, em medida maior ou menor, os seus erros passados. Desde que a sociedade humana se dividiu em classes antagonistas, passou durante milhares de anos pelas formas da ditadura dos escravistas, dos feudais e da burguesia. E foi somente graças à vitória da Revolução de Outubro que a humanidade realizou a forma do poder que é a ditadura do proletariado.

As três primeiras formas de ditadura foram uma ditadura de classes exploradoras, se bem que a ditadura dos feudais fosse um pouco mais progressiva que a dos escravistas e que a ditadura da burguesia seja um pouco mais progressiva que a dos feudais. Estas classes exploradoras, que desempenharam um papel mais ou menos progressivo na história do desenvolvimento social, só ganharam uma experiência de governo cometendo muitas faltas históricas durante longos períodos e repetindo-as sem cessar. E contudo, à medida que se agravavam as contradições entre as relações de produção e as forças produtivas, os exploradores não deixaram de cometer erros ainda mais numerosos e mais graves que levaram à resistência em massa das classes oprimidas; à desintegração interna nas fileiras dos exploradores que por vezes conduziu à sua destruição.



## SOB A DITADURA DO PROLETARIADO É POSSÍVEL CORRIGIR OS ERROS

A ditadura do proletariado difere radicalmente pela sua natureza da ditadura das classes exploradoras. É a ditadura das classes exploradas, da maioria sobre a minoria, ditadura que tem por objectivo a construção da sociedade socialista ignorando a exploração e a miséria. É a ditadura mais progressiva e a última na história da humanidade. Esta ditadura empreende tarefas históricas excessivamente importantes e difíceis. Ela comporta uma luta que segue um caminho muito tortuoso e em condições históricas muito complexas. Eis porque são possíveis numerosos erros durante a ditadura do proletariado, como fazia notar V.I. Lênine.

Se certos comunistas dão provas de presunção, de complacência para consigo próprios e desenvolvem pontos de vista rígidos, eles podem repetir os erros cometidos por outros ou mesmo por eles próprios no passado. Nós, comunistas, devemos ter isto constantemente no espírito. Para vencer o seu poderoso inimigo, a ditadura do proletariado precisa de uma grande centralização do poder que se deve combinar com uma democracia completa. Se nos apoiarmos apenas sobre a centralização pode surgir uma multidão de erros. Isto é perfeitamente compreensível. Contudo, quaisquer que sejam esses erros, a ditadura do proletariado é sempre superior de longe a todos os sistemas de ditadura das classes exploradoras, à ditadura da burguesia.

Lênine dizia com razão: «Quando os nossos adversários nos censuram e dizem que é o próprio Lênine a confessar que os bolcheviques cometeram um grande número de asneiras, respondamos-lhes: sim, mas saibam que as nossas asneiras são contudo inteiramente diferentes das vossas.» (Obras tomo 33, pág. 391).

A fim de realizar a sua pilhagem as classes exploradoras esforçam-se por eternizar a sua ditadura, por manter a sua dominação até ao fim dos tempos e utilizam todos os meios possíveis de opressão. As suas falhas não puderam nem podem ser superadas. Pelo contrário, o proletariado, que tem por objectivo a emancipação do povo no plano material e espiritual, utiliza a sua ditadura para edificar o comunismo, trazer à humanidade a harmonia e a igualdade e permitir que a sua ditadura desapareça gradualmente. É por isso que o proletariado faz o máximo para que as massas populares desenvolvam a sua iniciativa e desempenhem um papel positivo. Como a iniciativa e o papel positivo das massas populares se podem desenvolver sem limites sob a ditadura do proletariado, é possível corrigir todos os erros cometidos durante a ditadura do proletariado.

## OS ERROS DE STÁLINE E AS SUAS CAUSAS

Os dirigentes dos Partidos Comunistas e dos Estados socialistas têm o dever de cometer o mínimo possível de erros, de evitar as falhas graves, de se esforçar por tirar lições dos erros particulares, de alcançar ou de duração limitada, de fazer todos os esforços para impedir que os erros durem tempo demais ou tomem uma amplitude nacional. Para o conseguir, todo o dirigente deve ser prudente e modesto; deve manter um contacto estreito com as massas, consultá-las em tudo, estudar constantemente a situação real, praticar regularmente a crítica e a autocritica. Precisamente porque não agiu assim, Stáline cometeu erros graves no seu trabalho, no último período da sua vida, quando era o principal dirigente do Partido e do Estado. Perdendo toda a modéstia, tornou-se imprudente, deu provas de subjectividade, de exclusivismo nas suas ideias, tomou decisões erradas sobre certas questões importantes, o que teve consequências graves.

Após a vitória da grande Revolução Socialista de Outubro, o povo e o Partido Comunista da União Soviética, sob a direcção de V.I. Lênine, fundaram sobre um sexto do globo o primeiro estado socialista. A

União Soviética realizou a um ritmo rápido a industrialização socialista e a colectivização da agricultura, fez progredir a ciência e a cultura socialistas, criou uma aliança sólida entre as numerosas nacionalidades do país sob a forma de União dos Soviéticos. Nacionalidades outrora oprimidas tornaram-se socialistas. Durante a segunda guerra mundial a União Soviética foi a força principal que, batendo os fascistas, salvou a civilização europeia e ajudou os povos do Oriente a esmagar o militarismo japonês. Todos estes brilhantes sucessos mostraram a toda a humanidade a perspectiva radiosa do socialismo e do comunismo, abalaram fortemente as bases do imperialismo e fizeram assim da União Soviética o mais sólido baluarte na luta mundial por uma paz duradoura.

A União Soviética encoraja e apoia outros povos na edificação do socialismo. Ela inspira o movimento socialista mundial, o movimento dirigido contra o colonialismo, todos os movimentos a favor do progresso, da humanidade. Tudo isto constitui a grande contribuição histórica do povo e do Partido Comunista da União Soviética. Foi V.I. Lênine que mostrou ao povo soviético e ao Partido Comunista o caminho para a realização destas grandes obras. Na luta pela realização prática dos princípios leninistas, o Comité Central do Partido Comunista Soviético obteve realizações e, entre estas, há realizações inapagáveis de Stáline.

Depois da morte de Lênine, Stáline, principal dirigente do Partido e do Estado, aplicou e desenvolveu o marxismo-leninismo de forma criadora. Na luta em defesa do legado leninista contra os inimigos do leninismo, trotskistas, zinovievistas e outros agentes da burguesia, ele exprimia a vontade do povo e foi um defensor eminente do marxismo-leninismo. Stáline ganhou o apoio do povo e desempenhou um importante papel na história, antes de mais nada porque defendia com os outros dirigentes do Partido Comunista a linha leninista da industrialização do país e da colectivização da agricultura. A aplicação desta política pelo Partido conduziu à vitória do regime socialista e criou as condições da vitória da União Soviética na guerra contra Hitler.

Todas estas vitórias do povo soviético correspondem aos interesses da classe operária do mundo inteiro e à vontade da humanidade progressiva. É por isso que o nome de Stáline foi venerado em todo o Mundo. Contudo, depois de ter ganho um grande prestígio no interior e no exterior da U.R.S.S. devido à sua aplicação correcta da linha leninista, Stáline sobreestimou o seu próprio papel glorificando-se monstruosamente, e opôs o seu poder pessoal à direcção colectiva. O resultado foi uma contradição entre algumas das suas acções e certas lesões fundamentais do marxismo-leninismo de que ele era até então defensor. Por um lado Stáline reconhecia que o povo é o criador da história, que o Partido deve estar sempre em contacto com as massas, que é preciso desenvolver a democracia interna do Partido, a auto-crítica e a crítica de baixo para cima. «Por outro lado, admitia e encorajava o culto da personalidade», tomava decisões individuais arbitrarias, de tal modo que no último período da sua vida Stáline separava a teoria da prática.

Os marxistas-leninistas reconhecem que os dirigentes desempenham um papel importante na história. O povo e o seu Partido precisam de personalidades fora do comum, capazes de exprimir os interesses e a vontade do povo, de estar nas primeiras filas da luta histórica para o gular. Seria completamente errado negar o papel das personalidades, o papel dos homens de vanguarda e dos dirigentes. Contudo, um chefe do Partido e do Estado, qualquer que seja, pode perder a faculdade de dirigir com sagacidade os assuntos do Estado se se colocar acima do Partido e das massas, se se separar das massas. Nestas condições, mesmo personalidades eminentes como Stáline tomam inevitavelmente decisões erradas a propósito de questões importantes, decisões que não correspondem à situação real das coisas. Stáline não conseguiu tirar as lições



dos erros do alcance ou duração limitada cometidos na solução de certas questões. Ele não pôde impedir que esses erros se agravassem até terem consequências desagradáveis para o conjunto do Estado durante um longo período.

Nos últimos anos da sua vida Stáline encorajava cada vez mais o culto da personalidade, transgredia o princípio do centralismo democrático no Partido, o princípio da união entre a direcção colectiva e a responsabilidade individual. Tudo isto conduziu a erros graves tais como levar ao excesso o problema da eliminação dos contra-revolucionários, mostrar falta de vigilância necessária em vésperas da guerra anti-fascista, não dar a atenção precisa ao desenvolvimento ulterior da agricultura e à elevação do bem estar dos camponeses. No que respeita ao movimento comunista internacional, Stáline cometeu erros, especialmente em relação com a questão da Jugoslávia. Nestas questões, Stáline deu provas de subjectivismo e exclusividade, e desligou-se das circunstâncias objectivas e das massas.

## AS RAÍZES PROFUNDAS DO CULTO DA PERSONALIDADE

O culto da personalidade é um fenómeno podre que acompanha a longa história da humanidade. O culto da personalidade tem as suas raízes não só nas classes exploradoras, mas também nos pequenos produtores. Reconhece-se que o paternalismo é um produto da pequena produção económica. Após o estabelecimento da ditadura do proletariado, mesmo quando a classe dos exploradores é eliminada, quando a economia da pequena produção é substituída pela economia colectiva, quando é fundada a sociedade socialista, certas emanações ideológicas envenenadas e apodrecidas da velha sociedade permanecem no espírito das pessoas durante um longo período. «A força do hábito de milhões e dezenas de milhões de pessoas é uma força terrível» (Lénine). O culto da personalidade é também o reflexo no espírito dos povos de um fenómeno social, e quando um partido como o da U.R.S.S., quando um dirigente como Stáline se encontram tão influenciados por esta ideologia retardatária, isso provoca sobre a sociedade uma reacção prejudicial à causa e que entrava a iniciativa e a possibilidade criadora das massas.

As forças produtivas socialistas em desenvolvimento, os sistemas políticos e económicos socialistas e a vida do Partido entram cada vez mais em contradição e em conflito com esta atmosfera de culto da personalidade. A acção empreendida no XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética contra o culto da personalidade é um grande e corajoso combate dos comunistas e do povo soviético para varrer os obstáculos ideológicos que surgem na via do progresso.

É uma ingenuidade dizer que as contradições não podem existir numa sociedade socialista. Negar a existência de contradições é negar a dialéctica. As contradições em diversas sociedades diferem nos seus caracteres assim como nas formas das suas soluções. Mas em todos os tempos as sociedades desenvolvem-se no meio de continuas contradições. A sociedade socialista desenvolve-se também no meio de contradições entre as forças produtivas e as relações de produção. Numa sociedade socialista ou comunista as inovações e as alterações do sistema social continuam a dar-se. De outra forma o desenvolvimento da sociedade atingiria um ponto morto e a sociedade não poderia avançar mais. A humanidade encontra-se ainda na sua juventude. Ninguém sabe quantas vezes o caminho que ela deve percorrer ainda é maior que o caminho já feito. Contradições como as que surgem entre o progresso e a tendência conservadora, entre o avanço e o atraso, entre o positivo e o negativo, surgirão constantemente em condições variadas e em diferentes circunstâncias. As coisas passam-se desta forma: uma contradição conduz a outra contradição e quando se resolvem velhas contradições, surgem outras novas. Al-

gumas pessoas dizem que as contradições entre o materialismo e o idealismo podem ser eliminadas numa sociedade socialista ou numa sociedade comunista. É evidente que esta maneira de ver é incorrecta. Enquanto existirem contradições entre o objectivo e o subjectivo, entre o atraso e o progresso, e entre as forças produtivas e as relações de produção, continuarão a existir contradições entre o idealismo e o materialismo numa sociedade comunista ou socialista, e manifestar-se-ão de diferentes formas. Desde que os povos vivem em sociedade, eles reflectem em diversas circunstâncias e em graus diferentes as contradições que existem em cada forma de sociedade. Não haverá ninguém perfeito, mesmo numa sociedade comunista, porque as pessoas terão necessariamente contradições entre si. Haverá pessoas boas e más com pensamentos relativamente correctos e relativamente incorrectos. Haverá lutas entre as pessoas, mas a sua natureza e a sua forma serão diferentes das da sociedade de classes. Vista a esta luz, a existência de contradições entre o indivíduo e a colectividade na sociedade socialista não tem nada de estranho. E um dirigente do Partido ou do Estado, seja ele qual for, tornar-se-á inevitavelmente rígido nos seus pensamentos e cometerá por consequência faltas graves se se isolar da direcção colectiva, das massas do povo e da vida real. Devemos estar vigilantes pois exista a possibilidade de certas pessoas, que gozem da maior confiança das massas devido à sua obra no trabalho do Partido ou do Estado, utilizarem essa confiança para abusar da sua autoridade e cometerem faltas.

## A «LINHA DE MASSA» NO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS

O Partido Comunista Chinês saudou os grandes sucessos alcançados na luta histórica empreendida pelo Partido Comunista da União Soviética contra o culto da personalidade. A experiência da Revolução Chinesa confirma igualmente que só apoiando-se sobre a sabedoria das massas populares, sobre o sistema do centralismo democrático, sobre o sistema que une a direcção colectiva com a responsabilidade individual, só assim o nosso Partido tem conseguido sempre e continua a conseguir grandes sucessos, grandes vitórias, durante a Revolução ou no período de edificação do Estado.

O Partido Comunista Chinês tem conduzido uma luta contínua nas fileiras revolucionárias contra os indivíduos que se elevam acima das massas e contra o heroísmo individual. A elevação do indivíduo acima das massas e o heroísmo individual existiram ainda durante muito tempo. Uma vez vencidos, estes factos podiam reaparecer, primeiro em certas pessoas, depois noutras. Quando se seguem atentamente os actos de um indivíduo, ignora-se muitas vezes o papel da colectividade e das massas. É por isso que certas pessoas se entregam com facilidade à vaidade da glorificação ou à crença supersticiosa nas próprias, ou adoram os outros cegamente. É por isso que devemos aplicar toda a nossa atenção para nos opormos a que se eleve o indivíduo acima das massas, ao heroísmo individual e ao culto da personalidade.

Tendo em vista o combate ao método da direcção subjectiva, o Comité Central do Partido Comunista da China adoptou em Junho de 1943 uma decisão sobre os métodos de direcção. Agora que se trata da direcção colectiva no Partido, será útil recordar esta decisão a todos os membros do Partido e aos seus dirigentes. Ela é:

«Em toda a actividade prática do nosso Partido, uma justa direcção deve sempre basear-se no seguinte princípio: trazer das massas e levar às massas. Isto significa resumir (coordenando-as e sistematizando-as após um estudo atento) as opiniões das massas (opinões diversas e não sistematizadas) e levar às massas as ideias resultantes, difundindo-as e popularizando-as até que as massas delas se apoderem como suas próprias, as apliquem e as ponham em prática. É através desta acção de massas que a justeza das ideias se verifica. Então, é necessário resumir de novo as opi-



niões das massas e espalhá-las no seu seio para que as massas as defendam e assim continuamente. Estas ideias tornar-se-ão cada vez mais justas e mais vitais.

Isto é o que nos ensina a teoria marxista do conhecimento. » (Mao Tsé-Tung «Obras escolhidas», tomo IV, pág. 218-219).

Durante muito tempo, este método de direcção foi chamado no Partido «a linha de massa». Toda a história das nossas actividades nos ensina que quando esta linha é seguida, o trabalho é sempre bom ou, pelo menos, satisfatório. E se se cometem erros, são facilmente corrigidos. Pelo contrário, quando se faz o oposto desta orientação, choca-se sempre com obstáculos. É o método de direcção, é a linha marxista-leninista no trabalho.

Depois da vitória da revolução, quando a classe operária e o Partido Comunista se tornaram a força dirigente do poder do Estado, certos responsáveis do nosso Partido e do nosso Estado, caídos sob a influência do burocratismo, encontraram-se em face de um grande perigo: poderiam aproveitar-se das suas funções nos organismos do Estado para se lançarem no arbitrário, desligar-se das massas, pôr de lado a direcção colectiva, dirigir através de métodos burocráticos, destruir a democracia no Partido e no Estado. Por isso, se não quisermos atolar-nos nesse pantano, devemos apoiar-nos no método de direcção da «linha de massa», sem o descuidar nem por um momento.

Com este fim foram instituídos sistemas para a aplicação da linha de massa e da direcção colectiva, tendo o objectivo de evitar a elevação do indivíduo acima das massas e o heroísmo individual, e reduzir ao mínimo o subjectivismo e a unilateralidade de pontos de vista no nosso trabalho, o que é um método desligado da realidade objectiva.

### A LUTA CONTRA O DOGMATISMO

Tirando lições da acção do Partido Comunista da União Soviética contra o culto da personalidade, devemos igualmente lutar contra o dogmatismo.

A classe operária e as outras camadas populares, guiadas pelo marxismo-leninismo, obtiveram a vitória revolucionária e apoderaram-se do poder do Estado. A vitória da revolução e o estabelecimento do poder revolucionário abrem por sua vez perspectivas ilimitadas para desenvolver a teoria marxista-leninista. Ora, como após a vitória da revolução, o marxismo se tornou uma ideia dirigente reconhecida por todos, vários dos nossos propagandistas, apoiando-se muitas vezes no poder administrativo e no prestígio do Partido, apresentam o marxismo-leninismo às massas como um dogma, em vez de trabalhar com persistência, acumular os factos, utilizar o método de análise marxista-leninista e a linguagem do povo para explicar de forma convincente a unidade entre as verdades universais do marxismo-leninismo e a realidade chinesa.

Nestes últimos anos, temos obtido sucessos no estudo crítico da filosofia, da economia, da história, da literatura e da arte. Mas no conjunto, existem ainda vários fenómenos doentes. Muitos dos nossos investigadores continuam a pensar de forma dogmática, pela rotina. Falta-lhes independência de espírito e espírito criador. Em certos aspectos, deixaram-se cair sob a influência do culto da personalidade, admirando Stáline. Importa acentuar que as obras de Stáline devem continuar a ser estudadas seriamente. Tudo o que é útil nas suas obras, principalmente naquelas onde defende o leninismo e traça correctamente a experiência da edificação na U.R.S.S., deve ser adoptado por nós como uma importante herança histórica. Seria um erro agir de outro modo.

Há contudo dois métodos de estudo: o método marxista e o método dogmático. Alguns abordam as obras de Stáline de forma dogmática e resulta daí que não são capazes de distinguir o que é correcto do que é

errado, e até consideram o que é correcto como uma panaceia e aplicam-no indiscriminadamente.

É assim que eles cometem inevitavelmente erros. Tomemos por exemplo a fórmula de Stáline: em diversos períodos da Revolução o golpe principal deve ter em vista o isolamento das forças políticas e sociais intermédias. Esta fórmula deve ser interpretada de acordo com as circunstâncias e de forma crítica, do ponto de vista marxista. Em certos casos, é justo isolar as forças intermédias da sociedade, mas nem sempre. Segundo a nossa experiência, o esforço principal da Revolução deve ser dirigido sobre o inimigo principal, a fim de o isolar. Em relação às forças intermédias, devemos adoptar ao mesmo tempo uma política de união com elas e de luta contra elas. Pelo menos, devemos procurar neutralizá-las, esforçando-nos, se as circunstâncias o permitirem, por que elas abandonem a neutralidade e passem para o nosso lado, se tornem nossas aliadas, com o objectivo de contribuir para o desenvolvimento da Revolução.

Ora, durante a guerra civil de 1927-1936, certos camaradas, aplicando mecanicamente as fórmulas stalinianas à Revolução chinesa, dirigiram o golpe principal contra as forças intermédias, considerando-as como o inimigo n.º 1. O resultado foi que quem ficou isolado não foram os nossos verdadeiros inimigos mas nós, que perdemos, o que fez o jogo dos nossos verdadeiros inimigos.

Tendo em mente este erro dogmático, o Comité Central do Partido Comunista Chinês realizou durante a guerra contra os invasores japoneses a seguinte política para vencer o agressor: «Desenvolver as forças progressistas, conquistar as forças intermédias e opor-se às forças irredutíveis.» (Mao Tsé-Tung, Obras escolhidas, tomo III, pág. 366-367)

As forças progressistas em questão eram as forças dos trabalhadores, dos camponeses e dos intelectuais revolucionários, conduzidos ou susceptíveis de ser influenciados pelo Partido Comunista. As forças intermédias eram a burguesia nacional, todos os grupos e partidos democráticos, e os democratas sem partido. As forças irredutíveis eram as forças feudais, à cabeça das quais se encontrava Tchang-Kai-Chek, e que praticavam uma resistência passiva à agressão japonesa e uma oposição activa contra os comunistas. A prática provou que este princípio do Partido Comunista da China convinha às circunstâncias da Revolução chinesa e que era correcto.

O facto é que o dogmatismo é apreciado sempre pelos preguiçosos mentais. Longe de ser útil à Revolução, ao povo e ao marxismo-leninismo, causa-lhe um prejuízo incalculável. Continua a ser necessário destruir os preconceitos dogmáticos para clarear a consciência das massas populares, inspirar-lhes um vigoroso espírito de iniciativa, e acelerar o desenvolvimento do trabalho prático e teórico.

### A DITADURA DO PROLETARIADO NA CHINA

A ditadura do proletariado (na China é uma ditadura democrática do povo, dirigida pela classe operária) obteve agora uma grande vitória num território com 900 milhões de homens. A União Soviética, como a China e os outros países de democracia popular, possui uma experiência positiva e negativa. Devemos continuar a acumular estas experiências. É preciso estar sempre vigilante pois podem continuar a produzir-se erros. A lição principal a tirar pelos organismos dirigentes do nosso Partido é concentrar todos os esforços para limitar o alcance e a duração desses erros e não permitir que as faltas parciais que surjam tomem uma amplitude nacional ou durem muito tempo.

No decurso da sua história o Partido Comunista Chinês cometeu várias vezes erros graves. Durante o período revolucionário de 1924-1927, vimos surgir no nosso Partido uma linha oportunista de direita cujo representante foi Tcheng Fu-Siu. Durante o período revolucionário de 1927 a 1936, o Partido adop-



for por três vezes uma orientação oportunista de « esquerda », sendo as de Li-Li-Son, em 1930, e a do Vang-Ming, de 1931 a 1934, as mais erradas. Esta última causou um prejuízo particularmente grave à Revolução. Durante este período manifestou-se uma importante base revolucionária e orientação oportunista de direita do Tchang-Kuo-Tao que se tinha oposto ao Comité Central do Partido. Esta orientação causou um grave prejuízo a uma parte importante das forças da Revolução.

As faltas acima mencionadas cometidas em dois períodos da Revolução foram erros de importância nacional, com a excepção da orientação de Tchang Kuo-Tao que foi um erro limitado a uma base importante da Revolução. Durante a guerra contra os invasores japoneses, apareceu de novo no seio do Partido uma orientação oportunista de direita representada por Vang-Ming. Contudo, graças às lições aprendidas pelo Partido nos dois períodos revolucionários precedentes, o Comité Central corrigiu com relativa rapidez esta linha errada e não lhe permitiu que se desenvolvesse.

O bloco de Kuo-Kang—Jao-Chu-Chik dirigido contra o Partido manifestou-se no seio do Partido em 1953, depois da formação da República Popular da China. Este bloco anti-Partido agrupou à sua volta as forças reacçãoárias internas e externas e tinha como objectivo ameaçar a causa da Revolução. Se o Comité Central não tivesse descoberto e destruído corajosamente este bloco, o mal causado ao Partido e à causa revolucionária teria sido imenso.

Constata-se pois que a experiência histórica do nosso Partido se caracteriza igualmente pelo facto de que se temperou no decurso da sua luta contra as diversas orientações erradas e veio a triunfar na Revolução e na edificação da nova China. Faltas parciais e localizadas, surgem muitas vezes no trabalho. É apenas graças à sabedoria colectiva do Partido, das massas populares, à divulgação e à correcção rápida desses erros, que eles não têm qualquer possibilidade de ganhar amplitude nacional, não duram muito tempo e não se tornam grandes erros prejudiciais ao povo.

## O REFORÇAMENTO DO CAMPO DA PAZ E DO SOCIALISMO

Os comunistas devem analisar os erros cometidos no movimento comunista. Alguns pensam que J.V. Stáline errou em tudo. Isto não é verdade. J.V. Stáline foi um grande marxista-leninista, mas ao mesmo tempo foi um marxista-leninista que cometeu erros graves sem os reconhecer como tal. Devemos considerar J.V. Stáline do ponto de vista histórico, dando uma análise detalhada e apropriada das suas posições justas e falsas, e tirar deste modo uma lição útil. Os seus lados positivos e negativos foram característicos do movimento comunista internacional e têm a marca da época.

O movimento comunista internacional existe apenas há pouco mais de cem anos, e apenas 30 anos são decorridos desde a vitória da Revolução de Outubro. A experiência no trabalho revolucionário é ainda insuficiente. Temos as nossas grandes realizações mas também os nossos insucessos e os nossos erros. Assim como uma realização é seguida de outra realização, a correcção de um erro ou de uma falta é seguida por um novo erro, por uma nova falta que é preciso voltar a vencer. Contudo, é de notar que há sempre mais sucessos do que insuficiências, mais lados positivos do que negativos. Os defeitos e os erros serão sempre corrigidos.

Dirigir bem não consiste em não cometer faltas, mas em abordá-las com seriedade. Nunca houve no mundo seres infalíveis. V.I. Lênine dizia:

« Reconhecer abertamente os seus erros, procurar-lhes as causas, analisar a situação que lhes deu origem, examinar atentamente os meios de os corrigir — eis o que distingue um partido sério, eis a forma como ele deve cumprir as suas obrigações, educar e conduzir a classe e depois as massas. » (Obras, tomo 31, pág. 39).

O Partido Comunista da União Soviética, seguindo as indicações de V.I. Lênine, abordou da forma correcta certos erros graves e as suas consequências, erros cometidos por Stáline na direcção da construção socialista. Dada a gravidade dessas consequências, o Partido Comunista da União Soviética, embora reconhecendo os grandes méritos de J.V. Stáline, considera indispensável pôr a claro com toda a franqueza a natureza dos erros de Stáline, apelando para que o Partido os considere como uma advertência e para que trabalhe resolutamente no sentido de eliminar as consequências prejudiciais originadas por esses erros.

Nós, comunistas chineses, estamos convencidos de que depois da crítica profunda feita no XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, todos os factores positivos cuja manifestação era impedida por uma política errada, não deixarão de agir em toda a parte. O Partido e o povo soviéticos estarão ainda mais firmemente unidos do que antes na luta pela edificação da grande sociedade comunista, nunca vista na história da humanidade, e por uma Paz duradoura em todo o mundo.

Todas as forças reacçãoárias do mundo se alegraram maldosamente ao ver o nosso campo corrigir as suas faltas. No fim de contas, qual será a conclusão de tudo isto? É inconcebível que tudo isto criará um grande campo da Paz e do Socialismo tendo à cabeça a União Soviética ainda mais poderosa e absolutamente invencível; enquanto que a empresa de destruição humana em que estão empenhados aqueles que agora riem, essa está numa situação nada agradável.

\*\*\*\*\*

## ★ PELA COESÃO DAS FORÇAS SOCIALISTAS NA BASE DO MARXISMO-LENINISMO ★

Resumo de um artigo do jornal «Pravda» de 23-11-1956.  
Traduzido de «L'Humanité» de 24-11-1956

Na primeira parte, o «Pravda» começa por dar um quadro do que se passou na República Popular da Hungria. «Pravda», sublinha em primeiro lugar, os erros da antiga direcção do Partido e do governo húngaro:

« A direcção do Partido, diz «Pravda», dirigida por Rakosi e Gerö, desligaram-se das massas, do Partido e do povo, ignorando o estado de espírito da classe operária, do campesinato e dos intelectuais. Foi gros-

seiramente violada a legalidade (no caso Rakosi e numa série de outros casos em que foram vilmente numerosos funcionários honestos do Partido e do Estado).

No domínio económico foram cometidas faltas graves: uma grande parte dos investimentos eram destinados a grandes empresas, ultrapassando as possibilidades dum pequeno país. A palavra de ordem da melhoria do ritmo da industrialização, justa nas condições da U.R.S.S., foi aplicada mecânicamente na Hungria,



sem que as condições para isso estivessem preenchidas procedeu-se à construção de grandes empresas sem dispor das matérias primas correspondentes.

Deveria, diz ainda o «Pravda», ter-se investido maiores somas no desenvolvimento da agricultura e no aumento da produção de bens de consumo, o que teria permitido melhorar o nível de vida da população.

No que respeita ao Partido cometeu-se o erro de elevar o número de aderentes a 900.000 para uma população de 9 milhões de habitantes. As portas do Partido foram assim abertas a todos os que o desejavam, entrando nele as pessoas mais diversas. Ao lado dos trabalhadores, infiltraram-se no Partido elementos nacionalistas pequeno-burgueses e arrivistas que desejavam utilizar o Partido para os seus próprios fins. Quando sobrevieram as dificuldades, o Partido não pôde ultrapassar uma situação complexa. Não foi capaz de arrastar as forças de vanguarda na luta contra a reacção. Ainda mais, o Partido, ele próprio, encontrou-se desorganizado.

Foram permitidas também situações que chocaram o sentimento nacional do povo húngaro. Meteram-se, por exemplo, a transformar o uniforme militar para que ele se parecesse com o que estava em uso na União Soviética.

Após o XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Rakosi não foi capaz nem desejou empreender uma revisão do seu trabalho, apesar do aviso de maioria dos militantes do Partido, ele declarou que a política da direcção do Partido dos Trabalhadores Húngaros era de um modo geral justa e que nada havia a modificar. Isso provocou sérios descontentamentos no Partido. Como a direcção não seguia uma linha política justa, nada fez para reparar resolutamente e rapidamente os erros do passado.

É necessário acrescentar que durante vários meses, na Hungria, organizou-se abertamente uma propaganda contra o Partido e o governo na imprensa, nos círculos dos escritores, dos estudantes, etc.. A par de justas críticas para com a direcção do Partido, desenvolveram-se teses nacionalistas e chauvinistas, adoptaram-se palavras de ordem democrático-burguesas e anti-socialistas, que muitas vezes, sob a cobertura de preconizar «a via jugoslava» para o socialismo, punham em causa toda a experiência do campo socialista e em particular a da U.R.S.S..

Em face destas manobras a direcção Rakosi-Geroe do Partido e dos órgãos do Estado deram provas de falta de vigilância e de miopia, tanto no que se refere ao justo descontentamento do povo como no que se refere à actividade cada vez maior dos elementos contra-revolucionários.

## A UNIÃO SOVIÉTICA CUMPRIU O SEU DEVER

Após esta análise, o «Pravda» faz o resumo dos acontecimentos que se desenrolaram a partir de 23 de Outubro. Lembra que as tropas soviéticas intervieram a pedido do governo de Imre Nagy, conseguindo reprimir o movimento reacção mas que após a sua retirada de Budapeste, a pedido do mesmo governo de Imre Nagy, as forças contra-revolucionárias desencadearam o terror branco.

Esta é a história da política equívoca e dos abandonos sucessivos de Imre Nagy até ao dia em que os melhores elementos do seu governo, nomeadamente Janos Kádár, Ferenc Münnich e Imre Horváth, o deixaram e constituíram o Governo Revolucionário Operário e Camponês que, para pôr fim à efusão de sangue e fazer recuar a reacção fascista, pediu a ajuda do governo soviético.

Concedendo esta ajuda, a União Soviética cumpriu o seu dever e agiu de acordo com o internacionalismo proletário.

«Se nós aceitámos sacrifícios nesta luta, diz o «Pravda», foi somente para barrar o caminho ao fascismo na Hungria, para salvaguardar as conquistas socialistas da classe operária e dos trabalhadores húngaros, para que eles possam

alargá-las, viver a sua vida e construir um estado socialista independente e soberano. Quando uma ordem normal for restabelecida na Hungria e quando o seu governo julgar que a manutenção de tropas soviéticas já não é necessária, a URSS, pela sua parte, não insistirá em caso algum para que as suas tropas permaneçam neste país».

Na segunda parte, o «Pravda» comenta o discurso de Tito em Pula. Reproduz a passagem deste discurso onde o dirigente jugoslavo condena a impotência do governo Imre Nagy perante as forças contra-revolucionárias:

«O governo Nagy, disse Tito, não cessou de verter lágrimas pela rádio e apelou para a ajuda em lugar de se bater e de mostrar a sua vontade de impedir o extermínio de comunistas e de homens avançados... Se o governo Nagy tivesse sido mais enérgico, se não tivesse hesitado constantemente, se se tivesse levantado resolutamente contra a anarquia e contra o assassinato dos comunistas pelos elementos reacçãoários, se tivesse dado uma resposta decisiva à reacção, etc., é possível que as coisas se tivessem desenrolado de forma justa e que talvez não se tivesse chegado à intervenção das tropas soviéticas. Mas que fez Nagy? Pediu ao povo para se armar contra as tropas soviéticas e chamou os estudos ocidentais a intervir».

Contudo, o «Pravda» assinala que apesar desta justa apreciação dos acontecimentos na Hungria, Tito qualifica de errada a ajuda dos soldados soviéticos ao governo húngaro e declara: «Nós nunca os aconselhamos a recorrer à ajuda armada».

## A PROPÓSITO DO DISCURSO DE TITO

Não se pode qualificar esta posição de consequente nem de realista. Hoje, está claro para todo o mundo que sem esta ajuda a contra-revolução teria vencido na Hungria e que um regime fascista horthysta ter-se-ia ali instalado. Por consequência, a ajuda dos soldados soviéticos foi um acto indispensável. Com efeito, era a sorte do socialismo na Hungria que estava em jogo. Se no centro da Europa, existisse uma Hungria fascista, a situação política duma série de países da Europa central e oriental teria sido profundamente transformada e a situação internacional em geral, no continente europeu, teria sem dúvida piorado.

Certos pontos do discurso de Tito provocam ainda mais admiração. Revelam uma compreensão inexacta de uma série de questões importantes da situação internacional e das tarefas actuais do movimento comunista mundial.

«Vêde, disse Tito, como um povo, de mãos nuas, mal armado, opõe uma potente resistência se diante dele há um objectivo: a liberdade e a independência. Pouco lhe importa qual será esta independência, se ela conduzirá no país ao regresso da burguesia e da reacção. Uma única coisa lhe importa: ser independente como nação. Eis o pensamento essencial que o preocupa».

## O QUE ENSINA O MARXISMO-LENINISMO

1) — Responda o «Pravda», o camarada Tito exagere quando fala, neste caso do «povo».

2) — Em circunstâncias semelhantes, o marxismo-leninismo ensina a comportar-nos de maneira diferente. Se uma parte dos trabalhadores se mantêm indiferente quando alguém quer fazer pesar de novo sobre si o fardo da exploração (sob a palavra de ordem hipócrita de «liberdade e independência»), se alguém quer fazer do seu país um joguete nas mãos das grandes potências imperialistas e precipitá-lo numa nova guerra, exactamente como fez a clique fascista hilteriana de Horthy em 1941-44, isso significa, que esta parte dos trabalhadores caiu no laço que lhe armou a reacção. Isso significa, por consequência, que as massas não se orientam para a liberdade e a independência, mas sim numa direcção diametralmente oposta: a



da submissão e da perda da independência. O marxismo-leninismo exige que, em todas as circunstâncias se responda à pergunta muito precisa: Que classes estão interessadas em tal ou tal acontecimento? Aos interesses de que classes corresponde tal ou tal forma da realidade social?

É verdade que largas camadas de trabalhadores foram arrastadas no turbilhão dos acontecimentos na Hungria. A história conhece casos onde o sentimento nacional das massas foi galvanizado e explorado pelas forças reacçãoárias contra os interesses vitais do povo.

Após ter mostrado que Tito aprecia muito mais justamente os acontecimentos do Egipto e a atitude colonialista das «Democracias ocidentais» neste questão, o «Pravda» volta às críticas feitas por Tito, dirigidas ao Partido Comunista da União Soviética, a propósito da Hungria.

«Nós não somos contra a crítica, bem entendido, diz «Pravda».

Na declaração de Moscovo está escrito que o Partido Comunista da União Soviética e a União dos Comunistas Jugoslavos estão de acordo para que a sua colaboração seja baseada numa crítica amigável, numa troca de opiniões de carácter fraternal, a propósito das questões em litígio entre os nossos Partidos. Nós não temos qualquer motivo para rever esta decisão. Mas as observações do camarada Tito, chamem a nossa atenção para o facto de elas serem formuladas num tom que tinha quase totalmente desaparecido nos últimos tempos.

«Tomemos a posição essencial desenvolvida por Tito em relação com o regime soviético, prossegue o «Pravda». Tito sublinha com insistência que «o culto da personalidade é na realidade um produto dum sistema determinado». Declara que é necessário falar do «sistema que permitiu a operação do culto da personalidade». Na realidade, o culto da personalidade apareceu em completa contradição com todo o nosso sistema socialista soviético. Foi justamente partindo do nosso sistema político e económico que pudemos conduzir a luta contra o culto da personalidade e conseguir, num tempo tão breve, grandes sucessos na eliminação das suas sobrevivências».

O sistema socialista soviético fundado sobre a união da classe operária e do campesinato, sobre todos os trabalhadores da U.R.S.S., sobre o Partido Comunista, deu historicamente as suas provas. Se o sistema socialista soviético é inabalável, é porque é fundado sobre a propriedade socialista dos meios de produção. O regime socialista soviético é um regime verdadeiramente popular. Na U.R.S.S., as classes exploradoras foram completamente aniquiladas. A unidade moral e política da sociedade consolidou-se; a união da classe operária e do campesinato reforçou-se; a amizade inabalável de todos os povos da U.R.S.S. foi selada na luta pelo socialismo.

A criação num curto período histórico dum potente industria socialista e dum agricultura socialista avançada, nas condições do cerco capitalista, quando não somente não era recebida ajuda do exterior, mas ao contrário, quando durante dezenas de anos se desenvolvia uma luta encarniçada, aberta ou oculta, económica, política e ideológica contra o primeiro país do socialismo, eis o balanço deste sistema.

## O SISTEMA SOVIÉTICO DEU AS SUAS PROVAS

Hoje, após uma série de lições, nem mesmo os inimigos da U.R.S.S. duvidam da realidade deste balanço. Os inimigos do socialismo tentaram pôr à prova a solidez do nosso sistema no cadinho da mais terrível das guerras. O sistema político e económico soviético, os povos do nosso país e o seu Partido Comunista suportaram com honra esta prova. A vitória da União Soviética teve um significado histórico-mundial, tendo salvo os povos da ameaça de serem aniquilados. Esta vitória criou condições favoráveis para a construção do socialismo numa série de países.

O sistema soviético mostrou a sua força na construção da economia arruinada pela guerra quando a U.R.S.S., não só não podia contar com qualquer ajuda do estrangeiro como ainda contava ela mesma ajuda aos jovens estados de democracia popular. A força do sistema soviético consiste no seu carácter colectivo, no seu profundo democrático socialismo. O socialismo soviético é a união de milhões e milhões de trabalhadores das cidades e dos campos pela construção dum nova sociedade. Os êxitos gloriosos dos soviéticos, estão à vista de todos. Muito recentemente ainda, centenas de milhares de jovens responderam ao apelo do Partido e partiram para as terras virgens, onde em difíceis condições, obtêm imensos resultados.

Tudo isto, certamente, não significa que não haja deficiências da União Soviética. Elas existem e os soviéticos submetem-nas a uma crítica sincera, realizando um trabalho sistemático para as eliminar. Estas deficiências foram denunciadas no XXº Congresso do Partido o qual apontou o justo caminho para as ultrapassar. Hoje ninguém pode negar que o Partido e o Estado soviéticos tomam constantemente medidas importantes para elevar o nível de vida da população, para a estrita observação da legalidade revolucionária e para o desenvolvimento da democracia socialista.

«Como, neste caso, perguntam então o «Pravda», interpretar as observações de Tito sobre o nosso sistema, sendo como uma tentativa de lançar uma sombra sobre o regime socialista na URSS? Como não fazer a pergunta: Não se trata isto da repetição de antigos ataques contra a URSS, praticados no passado, quando as relações com a Jugoslávia eram más?»

É assunto do povo jugoslavo e da União dos Comunistas Jugoslavos, empregar tal ou tal forma para edificar o socialismo. Mas, sendo assim, será justo denegrir o regime socialista de outros países, e criar até às nuvens a sua própria experiência, proclamando a universal e a melhor?

É impossível deixar de reparar que na imprensa jugoslava se encontra cada vez mais frequentemente e ideia de que «a via jugoslava para o socialismo» é a mais justa ou mesmo a única e a possível, quase para todos os povos do mundo. Ao mesmo tempo, não se diz palavra sobre os lados positivos e as realizações obtidas na construção do socialismo nos outros países. Uma tal posição faz pensar no velho ditado russo: «o próprio sol não se ergue sem nós!».

## A «VIA JUGOSLAVA»

O «Pravda» examina as diferentes formas de edificação do socialismo na China e nos países de Democracia Popular.

Na Jugoslávia, diz o «Pravda», então, existem formas particulares de edificação do socialismo. Foram postos em prática novos métodos de direcção e de administração. Os comités operários na Jugoslávia nasceram há relativamente pouco tempo e cada ano sofrem correcções no seu funcionamento. Contudo vêm-se aparecer alguns dos seus aspectos positivos. Não se pode dizer o mesmo de outras inovações. Há um aspecto negativo como nomeadamente certas medidas que enfraqueceram as bases da planificação da economia e reforçaram a influência da oferta e da procura nos mercados; a própria imprensa jugoslava falou disto.

Não há dúvida que uma boa experiência encontrará sempre partidários e amadores se ela sofrer a prova do tempo e deu resultados favoráveis. Seria pelo contrário ridículo desejar para outros países tal ou tal método que aplicado aqui ou ali tenha sido considerado inconveniente.

Em que consiste portanto as vantagens da «via jugoslava para o socialismo», de qual falam os autores jugoslavos? Em resposta a esta pergunta, os autores de artigos aparecidos na imprensa jugoslava, evocam habitualmente tal ou tal inovação actual de carácter político. Mas o socialismo, o regime socialista novo supõe uma rejunção da economia que está na



base de toda a vida social. Esta refundição foi começada na Jugoslávia. Mas, como dizem muito bem os próprios camaradas jugoslavos, resta ainda muito a fazer para terminá-la. Sebe-se que na economia jugoslava a agricultura desempenha um grande papel e que, no domínio da produção de cereais não foi ainda atingido o nível de antes da guerra e que se está ainda longe, infelizmente, da vitória do socialismo no campo. Sebe-se também que o déficit anual de trigo na Jugoslávia anda à volta de 6 milhões a 6 milhões e 500.000 quintais.

É evidente que a ajuda recebida dos países capitalistas e em primeiro lugar dos Estados Unidos, tem para a Jugoslávia um significado considerável. Por força das circunstâncias, a Jugoslávia teve a possibilidade, durante vários anos, de utilizar as divergências entre os países imperialistas e os países socialistas. Mas, se uma parte essencial da sua economia é constituída pela ajuda dos países capitalistas, é impossível admitir que esta via apresente a menor vantagem. Os países do campo socialista não podem aceitar uma tal ajuda, não podem fundar a sua política contando com a ajuda dos imperialistas. Por consequência uma tal via não poderá ser de forma alguma universal.

Sebe-se que se os meios imperialistas ajudaram a Jugoslávia não é porque eles simpatisem com a Jugoslávia, com a edificação socialista na Jugoslávia. Os políticos do campo do imperialismo, confessaram que o seu desígnio consistia em semear por todos os meios a discórdia entre os países socialistas. Não se pode esquecer um só instante que os inimigos do socialismo desejariam, hoje também, não importa por que meio, semear a discórdia na comunidade destes países e enfraquecer as suas relações. No seu discurso, o camarada Tito lança a palavra de ordem da «independência» dos países socialistas e dos partidos comunistas face à União Soviética e ao Partido Comunista da URSS.

Mas é publicamente notório que a URSS não pede a ninguém para dar provas de dependência ou de submissão. Isto foi dito com energia nas resoluções do XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Estes factos são uma vez mais confirmados na declaração do governo da URSS, de 30 de Outubro de 1955, intitulada «As bases do desenvolvimento e do reforçamento da amizade e da colaboração da URSS e dos outros Estados Socialistas».

Os erros cometidos neste sentido no passado, são resolutamente corrigidos pelo Partido e pelo governo soviético.

«É disso testemunho, precisa o «Pravda», a experiência das nossas relações com a Jugoslávia nestes últimos anos. Nós empreendemos corajosamente a correcção de todos os erros do passado nas nossas relações com a Jugoslávia, sem nos preocuparmos com considerações de prestígio. Nós fomos os primeiros a estender a mão ao governo jugoslavo e à União dos Comunistas. Ninguém poderá negar que o Partido Comunista da União Soviética fez e faz ainda os esforços necessários para normalizar as relações entre os dois países e os dois Partidos na base ideológica do marxismo-leninismo, no interesse do reforçamento da amizade e da colaboração com o povo irmão da Jugoslávia, no interesse da luta pela Paz e pelo Socialismo».

#### A URSS É FIEL AOS PRINCÍPIOS DO INTERNACIONALISMO SOCIALISTA

Fazendo, em geral, uma apreciação favorável do desenvolvimento das relações soviético-jugoslavas e dos acordos concluídos entre a URSS e a Jugoslávia, Tito censurou os dirigentes soviéticos, afirmando que eles não desejam estender aos outros países socialistas os princípios contidos nestes acordos. Tito, diz o «Pravda», teve necessidade desta estranha afirmação, sem fundamento, para censurar à União Soviética «a sua falta de confiança nas forças socialistas dos países de democracia popular. Os factos refutam es-

tas afirmações.»

O «Pravda», cita a este respeito os acordos concluídos pelo governo e o Partido da União Soviética com os governos e os partidos da Jugoslávia e da Polónia.

Não obstante, diz «Pravda», o camarada Tito continua a falar duma «linha stalinista» nas relações com os países de democracia popular. Foi antes do XX.º Congresso, precisamente relacionado com a discussão das relações soviético-jugoslavas que o Comité Central do P.C. da União Soviética adoptou por unanimidade a seguinte resolução:

«*Nas nossas relações com os países de democracia popular assim como com os partidos irmãos comunistas e operários, as organizações dos soviéticos e do Partido, e todos os nossos cidadãos que trabalhem no estrangeiro, devem guiar-se rigorosamente pelos princípios leninistas do internacionalismo socialista, de inteira igualdade em direitos, pelo respeito da soberania nacional, tendo em conta as particularidades nacionais de cada país.*»

Os comunistas soviéticos devem servir de exemplo na aplicação prática dos princípios do internacionalismo proletário, como convém aos representantes dum país socialista multi-nacional, no qual a questão nacional foi resolvida na base da teoria marxista-leninista. O XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, como se sabe, concedeu muita atenção à questão das relações justas, fundadas no princípio do marxismo-leninismo, entre o Partido Comunista da União Soviética e todos os outros partidos comunistas e operários. Hoje, a imprensa jugoslava fala de alguns «stalinistas» que, no Partido Comunista da União Soviética, se esforçariam por submeter os partidos irmãos. Isso significa simplesmente fechar os olhos à política praticada e realizada pelo Partido Comunista da União Soviética para com os partidos socialistas.

Que procura então o camarada Tito com o seu discurso, interroga o «Pravda». Que cada um deles alinhe o seu lado? Mas é permitido perguntar: «Que promete esta via? Que vantagens vai ela dar aos países socialistas?» Nós não vemos nenhuma. Romper a família fraternal dos países socialistas não pode ser benéfico para a edificação da sociedade socialista. A fidelidade à grande bandeira do internacionalismo socialista, a coesão e unidade de todos os combatentes do socialismo, são uma condição essencial para o triunfo da nossa grande causa.

#### UM TOM SURPREENDENTE

Na última parte, o «Pravda» exprime a sua admiração pelo tom em que o camarada Tito julgou possível falar dos partidos comunistas e dos seus dirigentes.

Tito considera, sem nenhuma razão, «stalinistas» todos os dirigentes dos partidos irmãos do Ocidente e do Oriente que não estão de acordo com o seu ponto de vista, atribuindo-lhes as características mais desvantajosas. Referindo-se a eles fala de «elementos stalinistas inveterados» ou de «elementos sem o sentido das responsabilidades». Todo o discurso de Tito pronunciado em Fula, comporta ataques semelhantes contra os dirigentes comunistas. Tomando por tema do seu discurso a questão das relações entre os partidos comunistas, Tito não procedeu, praticamente, a uma polémica fraternal, não discutiu, mas deu lições ou melhor, repreendeu tal ou tal dirigente dos partidos comunistas e operários. O discurso não foi feito no tom dum diálogo ou duma discussão de igual para igual, com o respeito necessário das opiniões alheias. Contudo, Tito não tem nenhuma razão para falar de «stalinistas» e de «stalinismo», porque o nosso Partido, como os outros Partidos comunistas, defendeu e defende os princípios revolucionários do marxismo-leninismo. O que é, sobretudo, inadmissível no seu discurso, é a manifestação duma atitude desdenhosa para com um país como a Albânia e os seus dirigentes. Falando dos camaradas albaneses, Tito utilizou expressões grosseiras. Sebe-se que os dirigentes jugoslavos defendem muitas vezes a tese da igualdade



de em direitos dos povos grandes e pequenos, o direito de cada um ter a sua própria opinião e defendê-la. Isto exige, normalmente, que ninguém pretenda ter um monopólio da autoridade. Mas apenas o camarada Enver Hodja escreveu um artigo que não agradou aos camaradas jugoslavos, estes cobriram-no de injúrias. É possível que o artigo pudesse ter sido escrito de outro modo. Mas o camarada Hodja não pode ter a sua própria opinião, o direito de criticar, como pretendem os camaradas jugoslavos?

No seu discurso, o camarada Tito permite-se ingerências manifestas não somente nos assuntos do Partido do Trabalho Albanês, como também nos assuntos internos do Partido Comunista Francês e de outros Partidos comunistas, incluindo o Partido Comunista da União Soviética, formulando apreciações peremptórias sobre a situação interna destes partidos e sobre a actividade das suas direcções.

«A escolha dos dirigentes, escrevem a este respeito o *«l'Humanité»*, órgão central do Partido Comunista Francês, é um assunto interno de cada Partido, e uma ingerência exterior nestes assuntos, só pode, como o passado o provou, prejudicar o conjunto do movimento operário». Todos estarão de acordo com esta justa observação.

### UNIR MAIS AS FORÇAS DO SOCIALISMO

Não é de admirar que o discurso do camarada Tito, após tudo o que ele disse, tenha sido acolhido com tanta alegria nos meios burgueses do estrangeiro. O *«Pravda»*, cita a este propósito, as palavras do velho militante do movimento operário, Augusto Bebel, que perguntava a si próprio que erro tinha cometido quando o inimigo o aplaudia. Quem não vê que, para a causa comum dos partidos comunistas é inadmissível

vel provocar discórdias, lançar ataques e ressuscitar uma atmosfera de divergências que pertence ao passado, graças aos esforços desenvolvidos dos dois lados? Os interesses superiores da classe operária, os interesses do socialismo, exigem o entendimento mútuo e a eliminação de tudo o que comporta consequências nefastas para a coesão das forças do socialismo na base dos princípios do marxismo-leninismo.

E sabido, que no passado, estavam espalhadas entre uma parte das personalidades dirigentes da União dos Comunistas da Jugoslávia, concepções erróneas, não conformes com a teoria marxista-leninista sobre a importante questão da edificação do socialismo. Tais personalidades afastaram-se dos princípios do internacionalismo proletário.

«Aceitando a aproximação com a União dos Comunistas da Jugoslávia, sublinha o *«Pravda»*, o nosso Partido teve presente no espírito o facto de que a realização de uma unidade de vistas sobre importantes questões ideológicas necessitaria muito tempo. Isto porque sobre vários problemas havia e há ainda divergências entre o Partido Comunista da União Soviética e a União dos Comunistas Jugoslavos.»

«Os comunistas da URSS, são estas as últimas palavras do Órgão soviético, do mesmo modo que os camaradas de todos os países do Mundo, têm a consciência que, perante a campanha encarnizada desencadeada pela reacção contra as forças do socialismo, perante os ataques furiosos dos imperialistas e dos elementos fascistas contra os comunistas de vários países, perante os seus esforços para dividir o movimento comunista internacional, é necessário unir mais ainda todos os esforços das forças do socialismo na base dos princípios do marxismo-leninismo, dos princípios do internacionalismo socialista».

## A TÊSE SALAZARISTA SOBRE GOA

por OLÍVIO

O fascismo inventou a seguinte tese mentirosa que quer a toda a força inculcar na consciência dos portugueses e dos povos das colónias: a de que Portugal não exerce o colonialismo e que nem sequer existem colónias portuguesas mas sim «provincias portuguesas do Ultramar» onde os habitantes, tão portugueses como os do continente, gozam da mesma liberdade e dos mesmos direitos que aqueles.

A tese fascista sobre Goa e a argumentação que em torno dela se construiu, tem provocado a confusão em muitos portugueses que desconhecendo o que lá se passa e não podendo ouvir, porque o salazarismo não autoriza, outras opiniões sobre o assunto, acabam por acreditar nela. Discutamos pois a tese que os ideólogos do fascismo gritam até enrouquecer.

### GOA É PORTUGAL?

O fascismo afirma peremptoriamente que sim, que Goa faz parte integrante da Nação portuguesa, que Goa é Portugal. É falso! É falso porque o fascismo mistifica ao dizer que nos unem a Goa mais de quatro séculos de história comum.

É verdade que a bandeira portuguesa flutua naquelas terras desde os princípios do século XVI, mas isso nada prova; a bandeira portuguesa flutuou também no Brasil e a inglesa flutuou na América, o que nunca indicou que o Brasil fosse Portugal nem os Estados Unidos, Inglaterra, nem tampouco que a evolução histórica desses povos tenha sido comum.

Se se fizer uma análise, mesmo rápida, da nossa

história verificar-se-á que o povo goês não viveu, confundido conosco, nenhum dos momentos históricos que formam a história do povo português. O povo goês não partilhou conosco o processo histórico que levou à fundação da nossa nacionalidade; o povo goês não fez conosco a revolução de 1383-85, nem viveu a época dos Descobrimentos. Ele não sentiu como nós o domínio castelhano nem sofreu as invasões francesas. Também não participou na Revolução de 1640, nem na luta contra as hordas napoleónicas, nem nas lutas liberais, nem tampouco nas lutas pela conquista e pela defesa da República implantada em 1910. Como falar então de história comum? Na realidade o que se dá é a história portuguesa entroncar-se à do povo de Goa (da mesma maneira que se entronca à do Brasil e até à da própria Espanha) convindo contudo salientar que isso nem sequer se deu por vontade do povo goês mas como consequência das expedições guerreiras portuguesas do século XVI de que o povo indiano foi vítima. Toda a gente sabe que Goa, assim como Damão e Diu e as outras possessões do Império da Índia que desapareceram já há muito, foram submeidas pela força das armas portuguesas, que lá perpetraram carnificinas sem nome, para assegurar a exploração económica e a rápida desenfreada do povo indiano, para assegurar o monopólio da pimenta e o comércio dos escravos. Se a história de Portugal se toca com a daqueles povos é porque nela há um longo capítulo que descreve a opressão que os coloniais portugueses exerceram sobre eles. E se a história desses povos se toca com a nossa é porque nela se inclui também um longo capítulo que relata o



sofrimento e a miséria provocada pelo domínio português. Comum à história do povo da Goa (e à dos de Damão e Diu) é a história dos povos da União Indiana, que têm as mesmas origens e que longamente sofreram também o domínio colonialista.

Não tendo o povo goês sofrido pois a mesma evolução histórica que Portugal, não estando a ele ligado pelos laços da história, como pretende fazer crer o salazarismo, nem havendo entre o território em que habita e o continente português a necessária continuidade geográfica que caracteriza uma unidade nacional (Goa dista 18.000 quilómetros de Lisboa e é habitada somente por 892 portugueses num conjunto de 637.800 habitantes!) é evidente que a restante argumentação é absolutamente insuficiente para provar que Goa é Portugal.

Diz-se que há uma comunidade cultural, linguística, de costumes e de mentalidade que fundem Goa na Nação portuguesa. É falso! Em primeiro lugar porque não há comunidade, mas simples influência; em segundo lugar porque mesmo que houvesse uma certa comunidade cultural, linguística, religiosa, de costumes e de mentalidade, ela por si só não determinaria a existência duma comunidade nacional. O Brasil sofreu uma profunda influência cultural portuguesa, fala a nossa língua, crê no mesmo Deus e conserva muito dos costumes e da mentalidade portuguesa, contudo ninguém se atreve por isso a afirmar que o Brasil é parte integrante da Nação portuguesa nem a contestar a legitimidade da sua independência. Pois bem, em Goa nem esta profunda influência existe como se pode avaliar pelo facto de só 1,4% da população falar português e pelo facto do domínio de mais de quatro séculos apenas ter cristianizado menos de metade da população. Entretanto Salazar afirma no artigo que escreveu para a revista americana «Foreign Affairs»:

«Nenhum viajante qualificado, ao passar da União Indiana para Goa, pode subtrair-se à impressão de entrar num país perfeitamente diferenciado. Pensa-se, sente-se, procede-se à maneira europeia (...).»

Um viajante, realmente qualificado, escreveu precisamente o contrário, depois de ter visitado Goa no prosseguimento duma viagem pela Índia. Ouçamos o que ele diz:

«Quatro séculos de presença europeia não conseguiram fundir, nem em hábitos, nem em mentalidade, os indígenas com os alienígenas (1), em parte alguma da enorme península. Admitiu-se, um dia, que os convertidos ao cristianismo seriam grandes e deciso foco de contágio, mas o fenómeno não se deu. Os hindus, mais, talvez, do que qualquer outro povo, resistem instintivamente, involuntariamente, à penetração do espírito e dos costumes alheios. (...) A influência que o Ocidente exerceu na Índia é insignificante em relação à exercida noutras terras asiáticas, incluindo a China e o Japão.»

O viajante que escreveu estas palavras foi o grande escritor Ferreira de Castro, a quem por certo ninguém querará negar qualificação... e as suas palavras podem ser lidas na pág. 244 de «A Volta ao Mundo».

## É GOA UMA COLÓNIA?

O salazarismo afirma que não, que Goa não é uma colónia. É falso! Goa foi submetida pelos portugueses pela força com fins exclusivos de exploração económica. Goa foi desde o século XVI uma colónia portuguesa, e por isso colónia bem lucrativa. Esta é um facto histórico sem contestação possível. Mas o fascismo diz que hoje já não é assim; que o continente não possui lá interesses coloniais, que até ajuda financeiramente aquela «provincia» e que, quanto a opressão, nem o mais pequeno traço lá pode ser encontrado, por mais que se procure.

Com efeito o território da Índia não representa hoje para os colonialistas portugueses o mesmo que representou em épocas passadas. A era da pimenta, das especiarias e dos escravos passou. Isto contudo não quer dizer que os laços coloniais que unem aquele território ao continente tenham desaparecido. Os barcos portugueses já de lá não vêm carregados de pimenta e escravos, mas isto não indica que outras potências não tenham lá poderosos interesses económicos só exploráveis se o regime colonial se mantiver. E isto é precisamente o que se dá. O colonialismo português não extrai efectivamente da Índia importantes benefícios económicos, mas a manutenção do colonialismo português na Índia assegura a outras potências aquela possibilidade. O colonialismo português não explora a maior riqueza de Goa — o minério — mas exploram-na os americanos e japoneses que têm o monopólio da sua exportação.

Conhecidos os laços de dependência que unem os colonialistas portugueses aos senhores americanos é fácil discernir que carácter tem a permanência portuguesa em Goa e descobrir a falsidade da tese que sustenta que lá não existem interesses coloniais. Em boa verdade, a única coisa que se pode dizer quanto às modificações advindas nos interesses colonialistas em Goa, é que os benefícios que lá se colhem já não são arrecadados integralmente pelos portugueses mas repartidos com os imperialistas ianques e os militaristas japoneses que colocaram o colonialismo português naquelas paragens na situação de intermediário, na situação dum agente de negócios.

Para que se faça uma ideia de quais são e como cresceram os interesses colonialistas em Goa, diremos que a exportação do minério de ferro passou de 49.000 toneladas em 1949 para 1.228.000 em 1954, e que a exportação de manganês, que vai quase exclusivamente para os U.S.A., passou de 100 toneladas em 1947 para 102.000 em 1954.

Resumindo: o fascismo não explica com verdade as razões que determinam a sua posição intransigente e conflituosa no caso de Goa, nega-se a conceder a liberdade ao povo goês para decidir do seu destino e recusa-se sistematicamente a entrar em negociações com a União Indiana porque:

- 1º — Goa é uma colónia portuguesa onde os imperialistas americanos e japoneses têm interesses económicos que só se podem manter dentro do sistema colonialista.
- 2º — Goa é uma base militar ao serviço dos imperialistas fomentadores de guerra, particularmente dos U.S.A., que aí construíram o aeródromo de Goa, e que se servem dela para completar o cerco de dispositivos militares que montaram em torno da U.R.S.S., da China e dos pacíficos povos da Ásia e para manter vivo um foco permanente de guerra, de chantagens políticas e de conflitos armados naquela região do globo. Não disse Paulo Cunha, em Nova York, que «a nossa presença ali é vantajosa para o mundo ocidental»?
- 3º — Consentir na fuga de Goa à garrida do colonialismo seria um perigoso exemplo em relação às restantes colónias portuguesas a quem amanhã não haveria autoridade moral para negar a autonomia e a liberdade.

Esta é a verdade sobre o problema de Goa que, por mais esforços que faça, o salazarismo não poderá ocultar aos olhos do povo português e da opinião pública internacional.

Intensificar a luta para que ao povo goês seja dado escolher livremente o seu destino, para que nem mais um soldado seja enviado para Goa e para que sejam retirados os que lá se encontram mobilizados, continua a ser um dever de todos os patriotas e partidários da Paz de Portugal.

1 — Alienígena: pessoa de outro país.